



Associação Propagadora Esdeva  
Centro Universitário Academia - UniAcademia  
Curso de Psicologia

---

## **SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL: APONTAMENTOS CRÍTICOS PARA UMA PRÁXIS EMANCIPATÓRIA DA PSICOLOGIA<sup>1</sup>**

Daniela Cristina Belchior Mota<sup>2</sup>  
Conrado Pável de Oliveira<sup>3</sup>  
Amanda Venâncio Gonçalves<sup>4</sup>  
Ana Laura Fonseca de Oliveira<sup>4</sup>  
Bárbara Cristina de Paula Ferreira<sup>4</sup>  
Bruna Marques da Costa<sup>4</sup>  
Giovana Cesare Martins Consoli<sup>4</sup>  
Júlia Nogueira de Oliveira Freitas<sup>4</sup>  
Larissa Costa Braz<sup>4</sup>  
Laura Fernandes Martins<sup>4</sup>  
Luana Barbosa Silva<sup>4</sup>  
Milena Gonçalves Schroder Xavier<sup>4</sup>  
Natália Marotta Magalhães<sup>4</sup>  
Nicholas Emanuel Rodrigues Reis<sup>4</sup>  
Oetsia Vargas Smits<sup>4</sup>  
Paulo Campos Teixeira Martins<sup>4</sup>  
Taynara Maria Batista<sup>4</sup>  
Thamara Barbosa Teixeira Dias<sup>4</sup>  
Veronica Calderano Rezende<sup>4</sup>  
Vitória Barbosa Mancini<sup>4</sup>

### **RESUMO**

A contemporaneidade é marcada pelo acirramento do neoliberalismo, o qual não se trata somente de um tipo de política econômica ou de uma continuação do liberalismo. O neoliberalismo pode ser compreendido como um amplo sistema normativo, que afeta o processo de subjetivação na atualidade, marcado por valores individualistas. Tomando por base o livro *A Nova Razão do Mundo*, de Dardot e Lawal, o objetivo deste trabalho foi fomentar reflexões sobre a influência do neoliberalismo na

---

<sup>1</sup> Referente ao grupo de estudos Políticas Públicas e Subjetividade, realizado no curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia), na Linha de Pesquisa de Psicologia em contextos sociais, comunitários e políticos.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do UniAcademia. E-mail: danielabelchior.mota@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente do UniAcademia. E-mail: conradopavel@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do UniAcademia.

subjetividade, para que possamos questionar o mundo de maneira crítica e construir uma práxis baseada nos princípios ético-políticos de uma psicologia plural.

**Palavras-chave:** políticas públicas, subjetividade, neoliberalismo.

## 1 A INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada pela precarização das relações de trabalho e uma nova concepção de sujeito, balizada por valores individualistas. Este neosujeito, que também pode ser nomeado como sujeito-empresa, é atravessado por valores de competência e competitividade, que incidem em toda as esferas de sua vida, não somente na esfera relacionada ao trabalho. Há ainda a individualização dos direitos humanos, em um sistema socioeconômico e sociocultural que se fundamenta na exploração e na opressão, gerando a objetualização das relações (DARDOT; LAVAL, 2016).

Tal subjetividade contemporânea se mostra em estreita associação com o neoliberalismo vigente, o qual não se trata apenas de uma continuação do liberalismo. Nessa direção, o neoliberalismo pode ser compreendido como um sistema normativo, que amplia a lógica do capital a todas as relações e esferas da vida. Não se trata estritamente do “capitalismo”, pois o neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo, bem como as sociedades. Logo, o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica, e possui uma notável capacidade de autofortalecimento (DARDOT; LAVAL, 2016).

Aliada ao modelo neoliberal hegemônico, há uma ideia muito particular da democracia a qual, na verdade, se transmutou em um antidemocratismo, que nos faz entrar na era pós-democrática. Como característica marcante deste tempo, o direito privado tem se tornado isento de deliberação e controle, os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis, gerando um enfraquecimento da ação coletiva. Há o predomínio de uma concorrência interindividual, que se expressa na forma de gestão nas empresas, e é acentuada pelo desemprego e pela precarização do trabalho (DARDOT; LAVAL, 2016).

Este contexto leva a novos modos de subjetivação, que vem sendo afetado por uma clivagem entre “os que desistem” e “os que são bem-sucedidos”, impactando a coletividade e a solidariedade. Tais transformações subjetivas provocadas pelo neoliberalismo operam na direção do egoísmo social, e podem levar à destruição das

condições do coletivo, e por conseguinte ao enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo, em um ciclo vicioso (DARDOT; LAVAL, 2016).

Com base na leitura do “A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal” dos autores Pierre Dardot e Christian Laval, o objetivo deste trabalho foi fomentar reflexões sobre a influência do neoliberalismo na subjetividade, a fim de questionar o mundo de maneira crítica e contribuir para uma práxis da psicologia emancipatória e baseada em princípios ético-políticos.

## **2 METODOLOGIA**

A construção desse trabalho surgiu como desdobramento das reuniões quinzenais realizadas ao longo do ano de 2020, de forma remota, no grupo de estudos Políticas Públicas e Subjetividade. A partir da horizontalidade das discussões, fez-se possível a conclusão da leitura da segunda parte do livro, intitulada “A nova racionalidade” que possibilitou estabelecer um diálogo relacionado à prática psicológica e ao olhar crítico sobre o *quefazer* do psicólogo enquanto sujeito atravessado pelo neoliberalismo, e que reverbera as construções desse modelo em seus campos de atuação.

Visando um caráter participativo e dialógico, a metodologia de condução do grupo envolveu a pactuação de uma agenda de materiais bibliográficos provenientes do referido livro de Dardot e Lawal (2016), que foram lidos e discutidos. Se constitui no pilar da criticidade, buscando fundamentação através das questões psíquicas subjetivas do humano, atravessadas pela leitura de mundo as práticas públicas de política.

Os participantes do grupo demonstraram forte engajamento nas discussões, realizando relações com a realidade e cenário nacional, sobretudo no que concerne a adoção de perspectivas pretensamente conservadoras e que se aliam a lógica neoliberal. Assim, o objetivo deste grupo foi propiciar uma experiência horizontal e dialógica de construção do conhecimento.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concomitantemente ao individualismo e ao egoísmo social da era do neoliberalismo, há uma ascensão de valores conservadores, que passam a ser vistos como única forma de mitigar os efeitos deletérios da desigualdade social, esboçados no emblema “Trabalho, família e fé são os únicos remédios para a pobreza” (DARDOT; LAVAL, 2016). Essa aliança, que fomenta a então chamada “fé no capitalismo”, é a seguir expressa por Walter Lippmann:

“A fé no homem, no futuro, a fé no retorno cada vez maior do dom, a fé mútuas do comércio, a fé na providência de Deus são fundamentais para o êxito do capitalismo. Todas são necessárias para encorajar a paixão no trabalho e o espírito de empresa contra todos os fracassos e as frustrações inevitáveis de um mundo perdido; para inspirar a confiança e a solidariedade numa economia em que elas muitas vezes serão traídas; para encorajar a renúncia aos prazeres imediatos em nome de um futuro que corre o risco de virar fumaça; e, finalmente, para estimular o gosto pelo risco e pela iniciativa num mundo em que os lucros evaporam quando os outros se recusam a entrar no jogo”(LIPPMANN, 1935 apud DARDOT; LAVAL, 2016, p. 207).

Como parte desta ideologização de “fé no capitalismo” e da ascensão de valores morais e conservadores, podemos constatar a crescente responsabilização do indivíduo, que frequentemente se expressa em um insidioso processo de responsabilização da família. No Brasil, a responsabilização da família, na verdade a sua culpabilização, afeta a concepção e implementação de importantes políticas públicas setoriais, tais como as da assistência social, educação e saúde e saúde mental.

Além disso, a operacionalização do modelo neoliberal ocorre por meio de um forte sistema disciplinar, isto é “um conjunto de técnicas de estruturação do campo de ação que variam conforme a situação em que se encontra o indivíduo” (DARDOT; LAVAL, 2016). Por meio de regras, que passam inclusive a serem interiorizadas, o Estado impõe interdições, que contribuem para que as pessoas se comportem como indivíduos em competição uns com os outros. Os direitos à proteção social passam a cada vez mais a serem subordinados aos dispositivos de punição, que por sua vez estão associados a uma interpretação econômica do comportamento dos indivíduos (DARDOT; LAVAL, 2016).

Frente a este cenário contemporâneo, torna-se fundamental questionarmos o papel da psicologia. Atravessada e constringida pelo neoliberalismo enquanto

sistema normativo, a práxis da psicologia, sobretudo nas políticas públicas, pode se configurar como um núcleo privilegiado de controle da população e mesmo uma amplificação dos mecanismos de judicialização contra determinados grupos populacionais. A psicologia precisa superar a forte coerção à individualização de questões que são socialmente produzidas, inclusive com o uso do discurso “psi” para fomentar concepções que convergem na direção de rotulações patologizantes.

É importante considerar que historicamente, a psicologia, enquanto saber, teve seu advento em meados do séc. XIX, se fez no ocidente europeu e se expandiu de maneira globalizada, sendo produto de uma sociedade neoliberal em ascensão – Revolução Industrial – colaborando para uma universalização do indivíduo privativo, desconsiderando os atravessamentos do então contexto como produtores de certa subjetividade. Dessa forma, o discurso “psi”, ao cruzar com o discurso econômico, teve outros efeitos sobre a cultura cotidiana, dando uma suposta forma científica à ideologia da escolha.

Considerar o modelo econômico vigente como produtor de subjetividade é compreender o impacto do mesmo enquanto na fabricação do adoecimento psíquico, que desmoraliza relações, sentimentos e afetos, os mobilizando em prol da eficácia econômica (DARDOT; LAVAL, 2016). A identidade, encarada como produto, retira do sujeito sua constituição enquanto ser social e imprime ao mesmo a constante busca pelo sucesso de maneira orgânica. Assim, o sujeito neoliberal, para além de sua subserviência ao modelo vigente, torna-se empreendedor de si mesmo na incansável busca por mais êxito em todos aspectos de sua vida.

Compreender a psicologia enquanto ciência que universaliza determinado sujeito – homem, branco, cis, hétero, burguês – implica na busca por uma desconstrução desse olhar, voltando-o para os povos historicamente colonizados e para a prática crítica, que considere os processos históricos e se implique na produção e na mudança, através da ação, da sociedade. Reconhecer o ideal fundante da psicologia é o início do caminho para torná-la, não mais cúmplice do neoliberalismo, mas ferramenta emancipatória rompante com esse modelo exploratório e subserviente.

## **AGRADECIMENTOS**

Em busca de uma atuação profissional ética e libertária, agradecemos ao Centro de Extensão e Pesquisa da UniAcademia por garantir esse espaço de consolidação dos saberes psicológicos comprometidos com os desafios contemporâneos e com as necessidades da população brasileira.

## **REFERÊNCIA**

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.